

ESPECIALIDADES MÉDICAS - PSQUIATRIA

O meu primeiro (e definitivo) contato com a doença mental

Guilherme V. Polanczyk

O Auto-Retrato

Mário Quintana

No retrato que me faço – traço a traço –
às vezes me pinto nuvem, às vezes me pinto árvore...
às vezes me pinto coisas de que nem há mais lembrança...
ou coisas que não existem mas que um dia existirão...
e, desta lida, em que busco – pouco a pouco –
minha eterna semelhança,
no final, que restará?
Um desenho de criança... Corrigido por um louco!

Ela tinha 63 anos e estava amarela! Sim, amarela! Eu estava no final do primeiro ano do curso de Medicina e já havia visto algumas coisas, mas ainda não havia visto pessoas amarelas. Ao entrar no quarto, o que mais me chamou a atenção, no entanto, não foi a cor da sua pele, ou o odor fétido que tomava conta do ambiente, ou as manchas de sangue no travesseiro, ou a sua respiração lenta, muito lenta. Sim, claro, tudo isso me chamou a atenção, mas o que logo saltou aos meus olhos foi uma foto pequena, em preto e branco, antiga, postada em um porta-retrato na sua mesa de cabeceira, de uma mulher muito bonita, com um largo sorriso, envolta por três crianças com também largos sorrisos, em frente ao mar. O contraste entre a felicidade que transbordava daquela foto e que me contaminava com a dor e o sofrimento que emanava daquela senhora amarela, neste momento inconsciente, me paralisou. Não me lembro ao certo, mas naquele momento eu escrevi, dirigi e produzi um filme na minha mente sobre a sua vida.

O filme começava pela sua infância, quem sabe pelo momento em que a sua mãe soubera que estava grávida e a felicidade que sentira. Passava pelo seu nascimento, pelos primeiros passos, pelas vezes que ficou doente e com ela, os seus pais; o primeiro dia de escola, os momentos em que se sentiu perdida, sem amigos, a felicidade de encontrar uma

melhor amiga, quando teve dificuldades na escola mas seu pai a ajudou, quando se apaixonou por um menino mais velho que não sabia o seu nome, ao mesmo tempo em que seu colega de classe, um palmo menor, a adorava. Quando, já adolescente, fumou cigarro pela primeira vez, em uma época em que mulheres jamais fumavam e bebeu um golinho de dry martini escondida de seus pais. Quando não soube qual profissão seguir. Imaginei que deve ter sido difícil para ela estudar e cursar a faculdade 40 anos atrás, mas baseado no olhar firme da mulher da foto, que certamente retratava a mulher amarela na minha frente 20 anos mais nova, imaginei que ela deva ter conseguido. Quem sabe fez Medicina? Sim, sem dúvida ela é médica. A faculdade deve ter sido um grande desafio para ela: vencer preconceitos, dos colegas e dos pacientes, criar um lugar para que fosse vista, respeitada. Noites e noites de estudos, muito esforço não apenas para ser aprovada, mas para ser reconhecida, para que o seu valor despontasse. Graduada médica, apaixonou-se por um colega alguns anos mais velho, dedicado à cirurgia, e ela o acompanhou. Um casal de cirurgiões. Ela, uma das poucas mulheres cirurgiãs do país. Depois vieram os filhos, e o esforço para manter o seu status profissional foi ainda maior. Por vezes pensou em desistir, em se dedicar apenas aos gêmeos e a filha caçula, três anos mais nova do que os irmãos. Foram anos difíceis, mas à medida que os filhos cresciam,

ela recuperava seu espaço na profissão. Aquela foto que hoje estava em seu quarto fora tirada em uma viagem de verão pouco depois da filha mais nova completar 8 anos e logo antes de ela realizar um estágio na Inglaterra, no centro mais avançado de cirurgia da bexiga, sua especialidade. Foi uma época feliz, muito feliz. Estudos, reconhecimento, viagens, museus, óperas, almoços com a família... A partir daí, tudo andou muito rápido: preocupações com os filhos que cresciam vertiginosamente; filhos formados, casados, os netos! Ah, os netos, que alegria! Crianças saudáveis e inteligentes, que enchem a casa nos finais de semana. Nesta época ela reduziu bastante o tempo dedicado à vida profissional e passou a dedicar-se mais e mais aos netos e a um prazer antigo: a jardinagem. Tinha um espaçoso e lindo jardim, com plantas coloridas e diversas, onde tomava chá todas as segundas e sextas-feiras com suas amigas e jogava cartas. Cuidando de suas plantas, foi quando pela primeira vez sentiu uma dor aguda na barriga. Achou que eram gases. No dia seguinte, a dor aguda voltou e não foi mais embora. Três dias depois, deitada em uma maca, via pelo monitor do ultrassom uma massa muito grande em seu abdômen. Dois meses depois, o tumor de pâncreas não dava sinais de remissão, e ela estava amarela, completamente amarela, medicada com morfina para aliviar a dor e por isso sem conseguir abrir os olhos verdes que ela certamente tinha para poder me contar a vida feliz que teve, como seus netos são inteligentes, e a sensação de “missão cumprida” e para que eu, iniciante na tarefa de acompanhar o sofrimento das pessoas, pudesse responder-lhe: “A senhora teve uma linda vida, parabéns pelos seus filhos e netos, qualquer um sentiria muito orgulho”.

Terminado o filme em minha mente, eu sentia muita tristeza pela sua doença, mas me reconfortava pensando na sua vida produtiva, em como ela havia sido feliz. Olhei ao lado e me surpreendi com um homem velho, sujo, maltrapilho que eu não vira se aproximar. Ele me olhou e por trás da catarata, pude perceber uma tristeza muito grande em seus olhos.

Ele voltou os olhos para a senhora na nossa frente e disse: “Depois que nossa mãe nos abandonou, ela ainda não tinha 10 anos, ela enlouqueceu. Ela encontrou essa foto em uma revista e vivia como se fosse a foto da nossa família. Deixou de ir para a escola, nunca trabalhou. Morava em um quarto nos fundos da minha casa. Falava sozinha, toda a noite se vestia como se fosse para um baile, mas não saía de lá há mais de 20 anos. Foi uma vida vazia”.

A frase “Foi uma vida vazia” entrou como uma espada em meu peito inexperiente, e sentindo uma dor aguda, saí do quarto. Pensei na solidão de um quarto vazio, no silêncio em resposta às suas falas sem sentido, na expectativa diária de algo que jamais aconteceria, em tudo o que poderia ter sido e não foi. Abri o prontuário e lá estava escrito: “Esquizofrenia”.

Naquele momento ficou claro para mim a força da doença mental, o poder que tem de matar em vida, de impedir que uma pessoa desfrute de diferentes experiências, reais e emocionais, que estude, trabalhe, se relacione, enfim, que viva. Foi também quando percebi a grande oportunidade e o valor de trabalhar com as emoções, os pensamentos, o comportamento das pessoas, principalmente de crianças e adolescentes, que ainda estão em formação e por isso, mais responsivos às mudanças, para o “bem e para o mal”. Desde então, não deixei mais de me dedicar à Psiquiatria. É uma especialidade muito desafiadora, que exige que nós entremos em contato com a dor, a confusão e eventualmente o vazio daqueles que nos procuram. Exige também que busquemos novos conhecimentos acerca de um órgão ainda muito pouco conhecido: o cérebro. Para isso, precisamos integrar muitos conhecimentos, de diferentes perspectivas, em um exercício muito estimulante e enriquecedor. Hoje, como psiquiatra de crianças e adolescentes e professor da FMUSP, me sinto como um assistente de roteiro, direção e produção de meus alunos e pacientes, trabalhando para que possam escrever, dirigir e produzir vidas repletas de significado.